

A RELAÇÃO ENTRE O USO DA INTERTEXTUALIDADE E O COTIDIANO, SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL.

Rafael Henrique Pimentel Lobato ¹
Wevellyn Kethelyn Pinheiro Lobato ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar as relações entre texto e intertextualidade, investigando como esses conceitos se interconectam no âmbito da Linguística Textual. A pesquisa, de natureza qualitativa e com revisão bibliográfica, examina as definições e evoluções dos termos "texto", "intertexto" e "Gênero do discurso" a partir das contribuições de autores como Mikail Bakhtin (1986), Julia Kristeva (2005), Ingedore Koch (2012), Roxane Rojo (2015). O estudo discute a importância da intertextualidade como um fenômeno fundamental para a compreensão das construções discursivas, destacando seu papel nas práticas de leitura e escrita. A intertextualidade, nesse contexto, pode ser vista como uma dinâmica que atravessa diferentes gêneros discursivos, promovendo o diálogo entre obras e permitindo que significados sejam construídos e reconstruídos através das referências e citações. A análise reflete sobre como a intertextualidade, enquanto uma prática discursiva, contribui para a construção de sentidos e para o desenvolvimento de uma interpretação crítica, especialmente no contexto educacional e no ensino da língua portuguesa. Conclui-se que a intertextualidade é essencial para o entendimento aprofundado das manifestações linguísticas e para o desenvolvimento de habilidades interpretativas, funcionando como um elemento central não apenas no campo literário, mas também nas diversas práticas discursivas presentes na educação e na comunicação cotidiana.

Palavras-chave: Intertextualidade. Linguística textual. Explícito. Implícito. Gênero.

INTRODUÇÃO

A intertextualidade, enquanto conceito, emerge como um dos pilares centrais na análise textual contemporânea, especialmente no campo da Linguística Textual. Ela se refere à relação intrínseca que os textos mantêm entre si, através de referências, citações, alusões ou diálogos que os conectam, formando uma rede de significados interdependentes. A partir dessa perspectiva, a compreensão de um texto não se limita ao seu conteúdo isolado, mas se expande para uma leitura que considera os contextos e as interações com outros textos que o antecedem ou o sucedem. Este artigo busca investigar as relações entre os conceitos de "texto" e "intertexto", analisando a evolução e as

¹ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal – UFPA, rafael.lobato@abaetetuba.ufpa.br;

² Graduanda do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal - UFPA, wevellynkethellyn1@gmail.com;



contribuições de pensadores fundamentais, como Koch, Bentes e Cavalcante (2012) que definem o texto como um objeto heterogêneo, que mantém uma relação intrínseca entre seu interior e exterior. Segundo os autores, ele é constituído por outros textos que o influenciam, o antecedem, dialogam com ele, são retomados ou até mesmo contrapostos. Assim Bakhtin (1986) reforça essa ideia ao afirmar que o texto só adquire significado ao entrar em contato com outro texto ou contexto. É nesse ponto de interseção que ocorre a iluminação mútua entre textos anteriores e posteriores, estabelecendo um diálogo contínuo. Kristeva (2005) complementa essa perspectiva ao destacar que o texto não se resume a um conjunto de enunciados gramaticais ou agramaticais, mas se define pela articulação de diferentes camadas de significação presentes na língua. Para ela, o texto desperta a memória da história por meio dessa interação entre os diversos estratos do significado. Cada um a seu modo, propuseram diferentes abordagens para entender como os textos interagem e se influenciam mutuamente. Além disso, o trabalho examina como a intertextualidade se configura como um fenômeno essencial na formação de sentidos nos textos, ressaltando sua importância não apenas na literatura, mas também no contexto educacional, especialmente no ensino da língua portuguesa. Ao tratar a intertextualidade como uma prática discursiva presente em diversos gêneros, este estudo reflete sobre como a dinâmica entre textos contribui para a construção de uma leitura mais crítica, aprofundada e contextualizada, promovendo uma interpretação que vai além da superfície e que é capaz de conectar o leitor ao vasto campo de significações que permeiam as produções discursivas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e com caráter descritivo-analítico, pois busca compreender, a partir de referenciais teóricos, as relações entre texto, intertexto e gênero do discurso no âmbito da Linguística Textual. O estudo foi desenvolvido mediante uma revisão de literatura, voltada à identificação e interpretação das principais concepções teóricas sobre os temas em questão. Para isso, foram selecionadas obras de autores que se destacam na discussão sobre linguagem e discurso: Mikhail Bakhtin (1986), com sua teoria dos gêneros do discurso e do dialogismo; Julia Kristeva (2005), que introduziu o conceito de intertextualidade como processo constitutivo do texto; Ingedore Koch (2012), que aprofunda a noção de texto e coerência dentro da Linguística Textual; e Roxane Rojo (2015), que discute as práticas



de linguagem e o papel dos gêneros discursivos no contexto educacional. A seleção das fontes teóricas seguiu critérios de relevância acadêmica e atualidade, priorizando autores cujas contribuições consolidaram as bases conceituais da intertextualidade. Foram utilizadas também publicações complementares, como artigos científicos e materiais de pesquisa disponíveis em bases digitais, com o intuito de ampliar o repertório teórico e fortalecer a discussão proposta.

O procedimento metodológico consistiu na leitura, fichamento e análise interpretativa das obras, buscando evidenciar como os conceitos dialogam entre si e como contribuem para a compreensão do texto como uma unidade de sentido em constante interação com outros discursos. A análise teve caráter comparativo e reflexivo, permitindo observar convergências e divergências nas abordagens teóricas e suas implicações no campo educacional, especialmente no ensino da língua portuguesa e no desenvolvimento da competência leitora e escritora. Dessa forma, a metodologia fundamenta-se em uma perspectiva teórico-interpretativa, que entende o texto como espaço de diálogo e construção de sentidos. O estudo, portanto, não se limita à descrição conceitual, mas busca problematizar a intertextualidade como prática discursiva e pedagógica, essencial para a formação crítica do leitor e para a compreensão das manifestações linguísticas no contexto social e educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

A comunicação humana é construída a partir de referências, diálogos e conexões entre textos, discursos e contextos sociais. Quando falamos, escrevemos ou interpretamos um texto, raramente o fazemos de maneira totalmente isolada. Sempre há um diálogo implícito ou explícito com outras produções discursivas. Esse fenômeno, conhecido como intertextualidade, é um dos pilares fundamentais da linguagem e pode ser encontrado em diferentes formas e contextos, desde a literatura clássica até os memes da internet. A intertextualidade pode ser compreendida como a relação que um texto estabelece com outros, seja de maneira direta, por meio de citações e referências explícitas, ou indireta, quando elementos subentendidos fazem alusão a outras obras, ideias e discursos. Esse recurso é amplamente utilizado em diversos gêneros discursivos, como literatura, cinema, música, publicidade e até na fala cotidiana. Além de enriquecer a comunicação, a



intertextualidade também pode gerar novos significados, criar efeitos humorísticos e reforçar determinados valores culturais.

A intertextualidade constitui um fenômeno de extrema relevância no âmbito dos estudos literários e da análise textual, consistindo na intrincada teia de relações que um texto estabelece com outros textos, sejam eles literários, culturais ou mesmo discursivos. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa estabelecem que “à relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado de intertextualidade” (Brasil, 1998, p. 21). Sendo assim, pode-se dizer que a intertextualidade possui uma relação direta com os gêneros textuais, uma vez que utiliza também desse mecanismo para se transparecer. Para Rojo, “os gêneros são caracterizados como entidades que funcionam em nossa vida cotidiana e pública, para nos comunicar e para interagir com outras pessoas” (Rojo, 2015, p. 16). Desse modo, os gêneros textuais são formas de organização dos textos que usamos no nosso dia a dia, para nos expressarmos e mantermos contato com outras pessoas. Por outro lado, o gênero e a intertextualidade dialogam entre si e se estruturam a partir de convenções estabelecidas pela prática social.

Além disso, a intertextualidade ocorre de duas maneiras: a intertextualidade implícita e a explícita. O primeiro caso decorre quando um texto faz referência a outro de forma indireta, cabendo ao leitor um conhecimento prévio do assunto. Já o segundo caso, faz referência a outra obra de maneira clara e direta, citando ou mencionando o texto original. Também, Koch (1986, p.44) assegura que a intertextualidade é um poderoso fator da textualidade e que subjacente a ela está presente a argumentatividade. No caso da intertextualidade explícita, como as citações e referências, tem-se a argumentação por recurso à autoridade. Nos casos de intertextualidade implícita ou polifonia, recorre-se à autoridade polifônica, ou seja, são introduzidas no discurso vozes de outros enunciadores, responsáveis por asserções que são apenas “mostradas” como argumentos a favor de outras asserções.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise evidencia que a intertextualidade é um fenômeno constitutivo do discurso, funcionando como mecanismo de produção, circulação e transformação dos sentidos. Longe de ser apenas um recurso estilístico, ela expressa uma prática ideológica



e social, pois todo texto se constrói a partir de outros textos, em um movimento contínuo de retomada e reinterpretação. Como afirmam Koch e Elias (2018, p. 114), trata-se de um processo de hibridização, “segundo o qual um gênero pode assumir a forma de outro, tendo em vista o propósito de comunicação”. Essa afirmação revela o caráter dinâmico e relacional da linguagem, rompendo com a ideia de que o texto é uma unidade isolada e autônoma.

Na perspectiva de Bakhtin (1997), os gêneros discursivos não possuem estrutura fixa, sendo continuamente moldados pelas condições sociais e pelos objetivos comunicativos. Assim, a intertextualidade atua como marca da historicidade do discurso, evidenciando que cada enunciado é atravessado por vozes anteriores, pelas ideologias que o constituem e pelos contextos que o ressignificam. Complementarmente, Rojo (2015, p. 16) entende os gêneros como formas sociais de interação, presentes em nossa vida cotidiana e pública. Portanto, ao analisar manifestações intertextuais em diferentes gêneros, observa-se como o discurso materializa relações de poder, memória cultural e posicionamentos críticos.

No conjunto de exemplos analisados a releitura da Mona Lisa, o filme Shrek e a peça publicitária da Rádio Kiss FM é possível identificar diferentes modos de operação da intertextualidade e suas implicações semióticas e ideológicas.



Figura 01

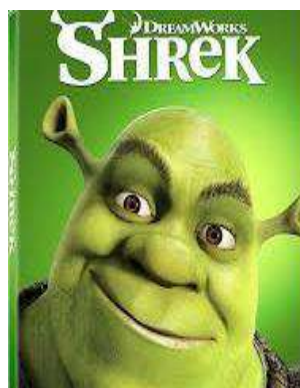


Figura 02

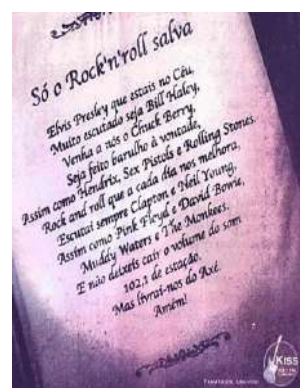


Figura 03

A releitura da Mona Lisa, amplamente difundida em produtos culturais e midiáticos, representa uma intertextualidade implícita de natureza visual. A imagem, originalmente símbolo da arte renascentista e da genialidade de Leonardo da Vinci, é frequentemente deslocada para contextos humorísticos, comerciais ou críticos. Essa recontextualização



provoca um choque semiótico: a aura da arte clássica é confrontada com valores contemporâneos de consumo e irreverência. O resultado é um discurso híbrido que questiona o próprio estatuto da arte e da cultura erudita. Nesse sentido, a intertextualidade atua não apenas como referência, mas como instrumento de crítica cultural, evidenciando a tensão entre tradição e modernidade.

Já o filme Shrek exemplifica a intertextualidade intergêneros, pois dialoga com múltiplos contos de fadas e com o imaginário popular, subvertendo suas estruturas narrativas. O longa realiza uma paródia sofisticada, desconstruindo arquétipos consagrados — o príncipe encantado, a princesa indefesa e o vilão malvado — e substituindo-os por personagens ambíguos, irônicos e humanizados. Esse processo não é neutro: ao reescrever as narrativas clássicas, Shrek desestabiliza valores morais e estéticos dominantes, propondo uma leitura crítica das convenções de beleza, heroísmo e felicidade. A intertextualidade, nesse caso, torna-se uma ferramenta de resistência simbólica e de reflexão sobre os discursos hegemônicos, o que justifica sua exploração em contextos educativos, conforme propõe o documento da BNCC ao afirmar que o ensino de Língua Portuguesa deve promover experiências que ampliem os letramentos e estimulem a participação crítica nas práticas sociais (Brasil, 2017, p. 67–68).

A peça publicitária da Rádio Kiss FM, por sua vez, realiza uma paródia da oração cristã, substituindo as referências sagradas por ícones do rock, como Elvis Presley e Bill Haley. Trata-se de uma intertextualidade implícita de caráter paródico e irônico, que se apropria da forma discursiva do gênero religioso para construir um novo efeito de sentido. Essa hibridização revela um movimento de ressignificação cultural: a oração, originalmente associada à fé e ao sagrado, é convertida em um rito profano de celebração musical. Ao fazer isso, o texto desafia hierarquias simbólicas e cria uma identidade coletiva em torno do gênero musical, afirmando um espaço cultural alternativo e provocativo. Mais do que humor, há nesse discurso uma crítica à sacralização cultural e à própria lógica do consumo, já que a publicidade se apropria do sagrado para legitimar um produto ou um estilo de vida.

Observa-se, portanto, que a intertextualidade, em seus diferentes modos de manifestação, não apenas reconstrói significados, mas também interroga discursos estabelecidos. Cada exemplo evidencia que o sentido não é fixo: ele se constitui nas



relações dialógicas entre textos, tempos e contextos. A Mona Lisa reinventada ironiza a autoridade artística; Shrek desmonta o ideal de pureza moral e estética dos contos de fadas; e a propaganda da Rádio Kiss FM reconfigura o sagrado em linguagem de consumo. Em todos os casos, o intertexto é mobilizado para gerar tensão crítica e reflexão cultural, revelando a potência ideológica dos discursos contemporâneos.

Assim, compreender a intertextualidade sob essa perspectiva crítica significa reconhecer que ela é também uma prática de poder uma forma de disputar sentidos e de negociar posições discursivas. No campo educacional, trabalhar com exemplos como esses amplia a capacidade dos estudantes de ler o mundo como texto, de perceber os diálogos entre linguagens e de compreender como os discursos se cruzam para produzir significados. Dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa se alinha a uma concepção discursiva e sociocultural da linguagem, em que interpretar é também tomar posição frente ao texto e à realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da produção desse artigo, observou-se a importância da intertextualidade no âmbito educacional. Principalmente por ser um recurso que auxilia e ajuda a construir sentidos e a formar leitores críticos, pelo fato da intertextualidade estar presente diariamente no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, evidencia-se que esse recurso é capaz de transformar um indivíduo em leitor crítico, onde ajuda-o a compreender que o significado não está constituído apenas pelo texto interpretado, a manejar a argumentação de seus textos e dos textos que interpretam de modo a contribuir para que exista a coerência textual.

Contudo, há uma necessidade de trabalhar com a intertextualidade de maneira ampla e dinâmica dentro do ambiente acadêmico, em que se possa ter clara consciência de que esse recurso está presente diariamente no cotidiano e com isso saber identificá-lo. Cabe, portanto, aos docentes durante as aulas de língua portuguesa utilizar a intertextualidade para embasar atividades que ajudem os alunos a desenvolver a competência comunicativa/discursiva.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Huritec, 1986.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: língua portuguesa**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.

FIORIN, José. **Os gêneros do discurso. Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2022, p. 67-83.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. G. V. **A intertextualidade como fator da textualidade**. In: FÁVERO, L. e PASCHOAL, M. *Linguística textual, texto e leitura*. Cadernos PUC, n. 22, p. 39-45, 1986.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Ana Christina, CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade: Dialogos possíveis**. 3 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2012, **intertextualidade**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo, Contexto: 2012.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lucia Helena França Ferraz. Editora Perspectiva, 2005

IMAGEM 01, Intertextualidade: **Conceitos, tipos e exemplos práticos**. 2024. Disponível em: <https://share.google/9yxxNZqAWJxsUG3Ut>. Acesso em 29 de out de 2025.

IMAGEM 02, Shrek (Filme), **Trailer, Sinopse E Curiosidades**. 2011. Disponível em: <https://share.google/H2y8zWXUsW97aLz4f>. Acesso em 29 de out de 2025.

